

CONTRIBUIÇÕES DO CINEMA EUROPEU: ENFRENTANDO O DESCONHECIMENTO

CONTRIBUTIONS OF EUROPEAN CINEMA: FACING UNKNOWLEDGE

Roberto Minadeo*

RESUMO

A hegemonia de Hollywood – quer pela quantidade de obras produzidas, quer pelos recursos existentes, quer pelas premiações do Oscar – é inegável. O artigo faz uma visão panorâmica de importantes obras europeias – todas tendo sido objeto de artigos acadêmicos, de uma Dissertação de Mestrado ou de livros focados no cinema. Tais materiais foram buscados no Portal da CAPES e no Google Acadêmico. Cabe ressaltar que a produção escandinava – em especial pelo papel de Ingmar Bergman – se encontra notavelmente ausente aqui, por merecer um estudo à parte, e porque se fosse aqui incluído, o artigo seria imenso. O estudo se fez necessário ante a constatação de que se ignora a maior parte do que aqui se aponta, de modo que o cinema europeu é injustamente desconhecido.

Palavras-chave: Cinema. Indústria Cultural. Cinema Europeu. Entretenimento.

ABSTRACT

Hollywood's hegemony – whether in terms of the number of productions, the resources available, or the Oscar awards – is undeniable. This article provides an overview of important European works – all of which have been the subject of academic articles, a Master's Dissertation, or books focused on cinema. These materials were obtained from the CAPES Portal and Google Scholar. It is worth noting that Scandinavian production – especially the role of Ingmar Bergman – is notably absent here, as it deserves a separate study, and because if it were included here, the article would be huge. This study was necessary given the fact that most of what is mentioned here is ignored, so that European cinema is unfairly unknown.

Keywords: Cinema. Cultural Industry. European Cinema. Entertainment.

Introdução

Em 1914 havia 25 produtoras na Alemanha, número que subiu a 130 em 1918; o país impediu filmes estrangeiros entre 1916 e 1920. Em 1926 a Alemanha fez mais de 200 filmes enquanto a França fez 55 – com cineastas como Germaine Dulac, Abel Gance, Jean Epstein e Marcel L'Herbier sendo influenciados por livros de Baudelaire e pelos

* PhD em Ciências da Engenharia da Produção. Analista em C&T do CNPq. rminadeo@gmail.com

impressionistas Monet e Pissarro. Dulac trabalhou com Louis Delluc, que captou como Freud poderia influir no cinema. Abel Gance fez um ensaio sobre o pacifismo, “J’Accuse” (1919), inspirado no período em que estivera no exército. “A Roda” (1923, dir. Dulac e roteiro de Gance) traz um complexo triângulo amoroso entre Sisif, seu filho Elie e sua filha adotiva, Norma. Após uma briga entre o marido de Norma e Elie, este está à borda de um penhasco, vendo sua vida transcorrer rapidamente, em imagens borradas, mostrando emoção em aceleração; foi uma cena revolucionária – fazendo a obra admirada por Jean Cocteau, Akira Kurosawa, Sergei Eisenstein e D. W. Griffith (Cousins, 2013, p. 90-92; 95-96).

Apesar do aumento na produção europeia após a II Guerra para concorrer com Hollywood, houve formas alternativas, como acordos de coprodução estabelecidos entre diferentes países. Entre 1949 e 1964, houve 1.091 filmes resultantes de tais acordos, inclusive entre países europeus e os EUA. O acordo europeu de coprodução mais antigo foi celebrado entre França e a Itália em 1949; entre 1949 e 1964 foram feitas 711 obras nesse âmbito. Na Itália o papel das coproduções continua vital: de 2000 a 2005, dos 591 filmes, 142 foram coproduções. A França possui acordos de coprodução com mais de 40 países. Filmes franceses e italianos possuem potencial de sucesso no exterior (Avelar, 2013).

Fator importante para o desenvolvimento do Velho Continente foi o uso de estrelas europeias transnacionais como Jean Marais, Gina Lollobrigida, Sylva Koscina, Louis Jordan e Stewart Granger, aos quais se uniram atores dos EUA como Cameron Mitchell, Lex Barker, Gordon Scott, Charles Bronson, Steve Reeves e Clint Eastwood, em estúdios de Roma e Paris, dirigidos por realizadores transnacionais como André De Toth, Rudolph Maté, Jacques Tourneur e Terence Young, ou especialistas do cinema popular como Mario Bava, Riccardo Freda, Umberto Lenzi, André Hunebelle e Bernard Borderie, que desenvolveram grande parte das suas carreiras em coproduções europeias (Carrega, 2017).

Dentre diversas coproduções europeias, cabe citar “O Concerto” (Radu Mihaileanu, 2009, fruto de colaboração entre França, Itália, Romênia, Bélgica e Rússia). Traz a trama de Andrei Filipov que dirigira a Orquestra do Teatro Bolshoi nos anos 1970, e que trabalhava na humilde tarefa de limpar o mesmo teatro. Perde o posto de modo trágico por ter-se negado a demitir os músicos judeus: em 1980, durante uma apresentação fantástica da violinista Lea Strum, surge a ordem de se interromper o espetáculo. Subitamente, vem um convite para a Orquestra se apresentar na França. Resolve aceitar

e voltar a reunir sua equipe. Escolhe e o Concerto para violino e orquestra em Ré maior (Op. 35) de Tchaikovski e Anne-Marie Jaquet como primeira violinista. Esta comenta que não conhecera seus pais, e tem um diálogo tenso com Filipov, recusando-se a ir. Entra em cena outro músico, acrescentando misteriosas dúvidas a Anne-Marie: mediante a música, poderia conhecer seus pais. O filme se encerra com a encenação do Concerto, após divertidas peripécias, com a grata surpresa da Orquestra começar a melhorar sua apresentação após as primeiras notas de Anne-Marie. O filme se encerra com o mistério sendo revelado; esse achado de identidade faz a jovem violinista retomar sua vida. Tal fato, porém, não foi planejado, porém fruto do próprio concerto (Trovato, 2012).

Obra marcante do início do Século XX é “Outubro” (Eisenstein, 1927), com cenas reais da Revolução Russa. O filme foi encomendado pelo partido socialista; nenhuma personagem é individualizada. Inicia-se com a queda da estátua do Czar, os revolucionários abrem o conflito, ao invadir seu castelo. Depois surgem os conflitos pelo poder. Até em situações de enfrentamento, como quando o povo russo é confrontado com rajadas de metralhadora, o inimigo não se vê, mas apenas sua arma. O filme opta pela desqualificação ética, sinônimo de riso: na dor, o sorriso de quem presencia sem padecer dos mesmos infortúnios, é indicador da vilania dos dominantes. A solidão é retratada de forma desfavorável, na suposição de que o povo é majoritário, age forma positiva e unânime. É notório que a dicotomia estanque entre o bem e mal permite, entre muitos efeitos, que a reposição dos mesmos meios antes postos sob o signo do negativo (matar e torturar, por exemplo), sofram uma transformação tal que o que antes era tido por pérfido, seja reinterpretado à luz de uma metanarrativa colorida de adjetivos positivos. Em diversas cenas, as personagens repetem o que se fazia anteriormente, porém, com a diferença de se julgarem detentoras de nobres intenções. As metralhadoras que indicavam a presença dos soldados capitalistas intervêm, em seguida, como solução dos revolucionários na resolução do conflito social. E o mais importante: isso se faz de maneira visível. O que se deve pensar sobre o contra-ataque do proletariado vem em maiúsculo; o filme direciona a leitura unívoca da imagem. À medida que se vem as armas sendo preparadas pelo exército Bolchevique, se vê o informe seguido a cada disparo. Os três tiros são acompanhados por estas três expressões: pela paz, pelo pão, pela terra (Zanoni, 2012). Eisenstein apresenta obras com símbolos do poder destrutivo do capitalismo (Cousins, 2013, p. 242).

Alemanha

“O Gabinete do Dr. Caligari (1919, Robert Wiene) é anterior ao primeiro longa-metragem de Charles Chaplin; lançou o expressionismo alemão e desafiou o realismo romântico. Enquanto os cineastas de EUA, França e Grã-Bretanha excluía a luz solar e os escandinavos faziam o oposto, nesta obra se inovou: o cenário foi inundado de luz plana sendo pintadas sombras nas paredes e no chão. Com isso se estilizou e ridicularizou a iluminação cinematográfica naturalista. A trama é narrada pelo estudante Francis: o sonâmbulo Cesare é atração na feira da cidade e à noite mata os inimigos de seu mestre, o Dr. Caligari. Ao raptar uma bela mulher, Cesare morre e Francis vai a um hospital psiquiátrico, no qual descobre ser o Dr. Caligari o diretor. No final, Francis se aterroriza ao descobrir que Cesare está vivo, sendo imobilizado em uma camisa de força, com a promessa do Dr. Caligari de que o está ajudando. Os roteiristas haviam feito o enredo com fins políticos: o Dr. Caligari seria o Estado alemão, manipulador, e Cesare seria o povo, enganado. O filme foi barato, sendo feito em três semanas e suscitou temas como: o que tais imagens significam? A resposta parece ser que trata do ponto de vista do louco Francis. A obra é das mais belas do cinema mudo, além de ser das precursoras dos filmes de terror. Alfred Hitchcock aprendeu com o cine alemão, sendo seu filme mudo “O Inquilino” (1926, Inglaterra) influenciado pelo expressionismo (Cousins, 2013, p. 96-98; 137; 155).

“Variedades” (1925, E. A. Dupont) começa e termina em uma prisão em que um acrobata vivido por Emil Jannings relembra fatos de sua vida: fugiu com uma trapezista, a viu se apaixonar por outro a quem matou; depois se entrega à polícia. A fotografia é de Karl Freund, que fez vários filmes importantes. Quando Jannings olha com ciúme à amada com outro, vem um close-up do seu olhar enquanto a luz muda; depois a câmera corta à moça com um fundo desfocado; no mesmo plano o foco muda para mostrar a futura vítima. Uma câmera é montada em um trapézio que balança sobre o público. Essa obra levou muitos diretores de fotografia dos EUA a moverem mais suas câmeras (Cousins, 2013, p. 94-95).

“Metrópolis” (1927, Fritz Lang) teve Karl Freund como diretor de fotografia e é o mais icônico dos filmes mudos. Ambientado em 2000 fala de conflitos entre um autoritário industrial e seus trabalhadores – cuja ira é apaziguada por uma mulher espiritualizada, Maria. O industrial tenta provocar a ira de seus colaboradores criando um robô semelhante a Maria e inspirador do C3PO de “Star Wars”. Ademais, a cidade inspira

“Blade Runner – O Caçador de Androides” (1982) e “Batman” (1989, Tim Burton). O robô engana o povo, levando à anarquia, mas Maria e o filho do dono salvam a cidade e os industriais se unem aos trabalhadores. O filme levou dezoito meses a ser feito, usou 650km de filme e teve 36 mil extras (Cousins, 2013, p. 100-101).

“O Vampiro de Düsseldorf” (1931, Fritz Lang) foi a primeira obra sonorizada desse diretor, já famoso por *Metrópolis*, que se inspira em uma notícia sobre um assassino de crianças e faz o roteiro junto a Thea von Harbou. A trama fala dos crimes e esforços da polícia para prendê-lo. Lang usa bem a nova técnica, usando-a na resolução da trama. Ademais, fiel ao expressionismo, trabalha a iluminação de modo interessante, ampliando a tensão (Machado, 2019, p. 258).

“O Medo Consome a Alma” (1974, dir. de Rainer Werner Fassbinder) é refilmagem de ‘Tudo o que o Céu Permite (1955, do também alemão Douglas Sirk, produzido nos EUA); trata de relacionamentos difíceis: uma zeladora idosa que se apaixona por um imigrante marroquino. Fassbinder, ainda jovem, traz mundos fechados, dos quais ninguém escapa, estando encurralados pelo capitalismo e pelo desejo, se autodestroem (Cousins, 2013, p. 354-355).

“O Direito do Mais Forte à Liberdade” (1975) foi dirigido por Rainer Werner Fassbinder, que foi roteirista, com Christian Hohoff, e atua em papel de destaque, como Franz, homem, que por falta de recursos, se prostitui e se faz amigo do primeiro cliente, que ganha na loteria. A obra se destaca pelo modo de Rainer criar e dirigir os personagens (Machado, 2019, p. 123).

“Sophie Scholl: Os Últimos Dias” (2005, Marc Rothemund) traz os últimos dias de Sophie, membro da Rosa Branca, grupo de resistência alemã que procurou combater Hitler. Eram jovens universitários ou no início da carreira, unidos por um sentido de amizade e que procuravam uma vida reta. Lutaram por um mundo melhor, divulgando textos sobre os erros do nazismo. Infelizmente, alguns são apanhados; Sophie resiste sem denunciar ninguém. Alguns escapam e dão a conhecer detalhes da vida da prisão, onde o exemplo dela inspira admiração em outros prisioneiros e até nos guardas (Martins, 2022).

“Quatro minutos” (2006, dir. Chris Kraus) traz Jenny, jovem presa por assassinato, com surpreendente talento musical, até que Traude, professora de piano com 80 anos, descobre seu segredo, e decide transformá-la no prodígio musical que fora. Mas Jenny é brutal e, após vários dissabores, agride Traude (Vianna *et al.*, 2015).

“Hanami, cerejeiras em flor” (2007, Doris Dörrie) aponta o tema do ciclo de vida familiar, mostrando um casal idoso que desfruta de vida tranquila até que a esposa sabe

da doença terminal do marido. Ela decide viajar, para que aproveitem os últimos momentos juntos. Seu desejo é conhecer o Japão, porém decide antes visitar os filhos e netos em Berlim. Mas, estes vivem suas próprias vidas, não dando atenção aos pais (Vianna *et al.*, 2015).

“A Revolução Silenciosa” (2018, Lars Kraume) mostra a revolta húngara de 1956 contra o governo comunista para expulsar os soldados soviéticos do país. Baseado na realidade, o filme aponta um grupo de alunos da Alemanha Oriental, também sob a égide de Moscou, que se une a essa revolução, a partir do simples pedido de se fazer um minuto de silêncio em uma sala de aula, por protesto e solidariedade. Os responsáveis pela escola e o ministro da educação querem encontrar o instigador dessa iniciativa para aplicar uma punição exemplar. Os alunos se unem, e nada dizem. Começam os interrogatórios, cheios de chantagem: se não falarem, os segredos de suas famílias serão revelados. Um aluno, desesperado, revela o nome do colega, mas a turma não se dobra, sendo castigada (Martins, 2022).

Bélgica

“Minha Vida em Cor-de-Rosa” (1997, direção de Alain Berliner, que participou do roteiro junto com Chris Vander Stappen) trata de um garoto de sete anos que vive nos arredores de Paris. A tranquilidade desaparece quando o menino aparece vestido de menina em uma festa. Do susto inicial até que todos percebam que se trata de uma brincadeira, o filme discute a aceitação do diferente, mesclando drama, humor fantasia e lirismo – além de discutir a descoberta da sexualidade (Machado, 2019, p. 285).

“Dois Dias, Uma Noite” (2014, dir. irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne) trata do candente tema do desemprego. Uma profissional, vivida por Marion Cotillard, descobre ter perdido o emprego após uma crise de depressão, pois seus colegas preferiram que ela fosse demitida e, assim, poderem ganhar um adicional. Começa uma luta, no período marcado pelo título da obra, no qual ela precisa convencer os colegas a renunciarem ao prêmio para que ela possa retornar. Os diretores conseguem algo incrível: os atores agem com naturalidade total, como se não soubessem que estão sendo filmados (Machado, 2019, p. 130).

Espanha

“O Povoado Maldito” (1929, Florián Rey) traz uma família que migra à cidade. Celebra os valores rurais e toca um ponto vital, pois a urbanização assustava a muitos. Políticos de direita usaram esse medo para atacar a modernidade e o que entendiam ser declínio moral da sociedade. As cenas rurais do filme são feitas em estilo de pintura, mas o ritmo da edição aumenta quando se ambienta na cidade (Cousins, 2013, p. 89).

“Labirinto de Paixões” (1980, Pedro Almodóvar) usa o conceito “esperpento”, que consiste na mescla de realismo e ironia, derivada do teatro. A obra traz nada menos que cinquenta personagens, de todas as orientações de gênero. Riza, herdeiro gay de um trono árabe se apaixona pela ninfomaníaca Sexi. O mesmo diretor faz “Que Fiz Eu Para Merecer Isto?” (1984), “A Lei do Desejo” (1987) e “Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos” (1988), nos quais as figuras paternas são desejadas, as mães são fontes de poder e símbolos da lei. O humor e irreverência de seus filmes é acompanhado por uma fotografia de cores vivas. Seis dos treze principais filmes espanhóis lançados nos EUA nos EUA foram dirigidos por Almodóvar (Cousins, 2013, p. 292; 409-410).

O Prêmio Goya foi concedido pela primeira vez em 1986, com as escolhas feitas pela Academia das Artes e Ciências Cinematográficas da Espanha. Alguns destaques: a) “El Viaje a Ninguna Parte (1986, Fernando Fernán-Gomez); b) “El Bosque Animado (1987, José Luis Cuerda); c) “Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos” (1988, Pedro Almodóvar); d) “El sueño del mono loco” (1989, Fernando Trueba); e) “Ay Carmela” (1990, Carlos Saura); f) “Belle Epoque” (1992, Fernando Trueba) (Cebollada, 1997). A última obra conquistou o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro).

“A Língua das Borboletas” (1999, José Luis Cuerda) retrata a iniciação de um rapaz de uma pequena aldeia nos mistérios da vida, em mãos de um professor que instila no aluno o gosto pela natureza. Todavia, a guerra civil no país a partir de 1936 muda o universo do menino (Prats, 2005, p. 266-267).

“Solas” (1999, Benito Zambrano) recebeu cinco prêmios Goya. Traz uma protagonista que vive em um apartamento escuro de um bairro pobre. Próxima aos quarenta anos, está grávida de quem não a ama e que a maltrata para que aborte. A bebida é a única companhia. A mãe é uma boa criatura, analfabeta, que também não foi feliz no amor, e vem à cidade cuidar do marido que está em um hospital. Seu vizinho vive seus últimos anos com seu cachorro. Estas vidas se cruzam. A obra mostra o heroísmo de vidas normais: a mãe que se gastou pelos demais, a filha que não sabe pelo que lutar, um

paciente amargurado no hospital e o vizinho que é apenas acompanhado de seu cão. O filme é uma homenagem às mulheres que se sacrificam sem esperarem nada em troca (Prats, 2005, p. 376-377).

“Minha Vida Sem Mim” (2003, dir. de Isabel Coixet, é coprodução Espanha/Canadá). Trata da descoberta de uma doença fatal por parte de uma pessoa que vive feliz ao lado do marido, das filhas e da mãe. A decisão foi a de guardar segredo e preparar o caminho dos entes queridos, sem que ela esteja por perto. Dessa forma, a obra é focada na protagonista; foge da pieguice, com personagens carismáticas. Enfim, a morte traz uma visão objetiva, pragmática e simples da vida (Machado, 2019, p. 286).

“Mar adentro” (2004, direção e roteiro de Alejandro Amenábar) traz Ramón, baseado em uma história real, ficou tetraplégico após um acidente no mar, vivendo acamado por quase trinta anos. Depois de muito sofrer, resolve morrer, lutando com todas suas forças por isso. O filme foge de soluções fáceis, contando com o talento de Javier Bardem no papel crítico (Machado, 2019, p. 265).

“Rugas” (2011, dir. Ignacio Ferreras), filme de animação, tem uma cena inicial na qual o idoso Emílio está sentado na cama tendo, à frente, uma bandeja de comida. O filho e a nora reclamam porque ele come devagar, o que os impossibilita de se ausentarem. O velho, então, joga a bandeja no chão, afirmando que já acabou. Como consequência, a família o interna numa instituição de longa permanência para idosos – ILPI. Emílio, ao chegar à ILPI, é recebido por Miguel, seu companheiro de quarto, com a seguinte piada: “O que achou da cela? Quantos anos você ganhou?” Os idosos que se encontram na instituição são aterrorizados por ruídos estranhos vindos do andar superior, pois sabem que, quando piorarem, serão transferidos para lá. Não é surpresa que três idosos institucionalizados tentem escapar da ILPI, pagando a pessoa externa para que lhes traga um carro e corte o arame que circunda o local (Vianna *et al.*, 2015).

França

A riqueza do cinema francês no século 20 pode ser aquilatada pela Nouvelle Vague, além da presença de François Truffaut. Neste século, obras de grande importância merecem destaque, tais como “O Artista” (2011), tendo conquistado cinco Oscar (Minadeo, 2024).

“O Milhão” (1931, René Clair) é a história de um homem que ganha na loteria, mas perde o bilhete. Todos os atores cantam na obra, exceto o perdedor do prêmio. No

mesmo ano, Clair também dirige “A Nós a Liberdade”, no qual um close-up de uma flor em forma de sino se funde ao som de uma voz cantando, como se a flor estivesse na música. Tal uso metafórico do som libertou os diretores da literalidade sonora (Cousins, 2013, p. 122).

Nos anos 1950, Bresson – que estudou grego, latim, pintura e filosofia – se destaca. Entre 1950 e 1961 fez quatro filmes sobre encarceramento. Sua obra “O Batedor de Carteiras” (1959) tem sequências nas quais Martin LaSalle é filmado diretamente, sem adornos, sem expressão facial, com objetiva de 50mm, o que se aproxima da visão humana, com iluminação à luz do dia e figurino contemporâneo; o filme trata de um desempregado que começa a roubar e se vicia nisso, sendo preso. Seus filmes foram exibidos no Instituto de Cinema e TV da Índia em Pune, onde sua antiexpressividade influenciou no diretor Mani Kaul em 1970-80. A escola polonesa de Lodz também os exibiu. Outros diretores que se disseram influenciador por ele: a escocesa Lynne Ramsay e o norte americano Paul Schrader (Cousins, 2013, p. 250-253).

“A Liberdade É Azul” (Krzysztof Kieslowski, 1993) é o primeiro de uma trilogia desse diretor. Traz a história de Julie (Juliette Binoche), traumatizada pela perda do marido e da filha, que tenta se libertar desse passado e reencontrar a vontade de viver. A obra desse diretor traz dor e esperança. Esse filme precisa ser encarado com paciência (Machado, 2019, p. 252).

“O Fabuloso Destino de Amélie Poulain” (Jean-Pierre Jeunet, 2001) teve sucesso de público e de crítica. O cenário parece o de um livro de fábulas, com os protagonistas representados de modo caricato. Amélie é uma garçonne. Sempre viveu isolada, com um pai frio e uma mãe de frágil saúde psicológica; foi escolarizada em casa, numa pequena cidade e sem amigos. A ela restou criar um rico mundo interior, no qual se trancou. Nino é tímido, trabalha em uma locadora de filmes e em um parque de diversões; capta que Amélie o observa; ao longo da trama se aproxima dela. A falta de amigos e de contato com o mundo leva Amélie a sair de casa, surgindo a jornada de busca da heroína-vítima. O estilo de fantasia é o conto de fadas. O jeito de Amélie, com roupas vermelhas e infantis, remete a Chapeuzinho Vermelho. A infância solitária e infeliz, a morte da mãe e o encontro de um amor remetem a Cinderela. A obra se mantém plausível ao manter um vínculo com a realidade. Amélie vive os papéis de heroína e auxiliar, ao querer resolver o problema de Nino, transformando outras vidas pela magia (Minadeo, 2024).

“Minhas Tardes com Margueritte” (2010, dir. Jean Becker) traz a personagem título, que encontra Germain em uma praça. Apesar da diferença de idade, surge uma

amizade, havendo em comum o gosto pelos livros. Certo dia, Margueritte desaparece e Germain descobre que a família a havia institucionalizado. Então, ele vai até a ILPI e a retira de lá, acolhendo-a em sua casa, proporcionando a Margueritte os cuidados necessários (Vianna *et al.*, 2015).

Em “O Artista” (2011, Michel Hazanavicius) destaca-se o encontro entre os protagonistas: George Valentin, astro do cinema mudo, e sua fã, Peppy Miller, futura atriz na era do cinema falado. Tal cena mostra George como estrela e as aspirações de Peppy. Além disso, posicionam-se situações de atração e rivalidade que os unem no cinema falado (Baxter, 2014).

“Depois de Maio” (2012, dir. e roteiro Olivier Assayas) conquistou dois Prêmios no Festival de Veneza: roteiro e direção. Trata de um grupo de jovens na virada da década de 1960 para 1970, que lidam com a herança dos estudantes que enfrentaram o poder em Maio/1968. O protagonista se encontra em um mundo em transformação. O filme posiciona o espectador no centro de todos os conflitos – sociais, políticos e pessoais (Machado, 2019, p. 112).

Grécia

“Zorba, o Grego” (1964, dir. Michael Cacoyannis). O personagem título é vivido por Anthony Quinn, que vive em aldeia, onde reside a prostituta francesa Bouboulina, que, agonizante, vê os aldeões, ávidos, aguardando sua morte para roubarem seus bens. Eles gritavam: “A estrangeira está morrendo. Ela não tem família. O Estado vai ficar com tudo. Nós somos pobres”. Somente não levam os bens enquanto Bouboulina vivia, porque Zorba não o permite. Logo após sua morte, eles irrompem no quarto, levando tudo exceto o papagaio e a cama, onde ela jazia morta. A seguir, fazem festa com participação inclusive dos velhos da aldeia (Vianna *et al.*, 2015).

“Z” (1969; dir. Costa-Gravas) fez o diretor famoso e os filmes políticos ganharem maior peso. A obra é quase um documentário, sobre uma disputa eleitoral em um país no qual atua um governo militar. O líder da oposição é atropelado e morre. O juiz do caso pensa que não se trata de um acaso e com a ajuda de um jornalista tenta revelar a rede de corrupção por trás de tudo. A obra ganhou dois Oscar, montagem e filme estrangeiro (Machado, 2019, p. 462).

“A eternidade e um dia” (1998, Theo Angelopoulos) venceu a Palma de Ouro em Cannes. Um famoso escritor chamado Alexandre, senil, se prepara a deixar a casa em que

viveu. Encontra uma carta da esposa falecida, que relata um dia de verão trinta anos atrás. É a entrada a uma viagem interior, onde presente, passado e futuro – ou a perspectiva de ausência deste – se confundem no universo existencial do escritor. A obra traz memórias de Alexandre e suas reflexões sobre a passagem do tempo, desde a infância a destacados encontros e desencontros. O espaço físico e a vida interior da personagem se fundem em fluxos de consciência em que tempo e narrativa não se limitam às regras do mundo físico. O fluxo que abre o filme, traz Alexandre, criança, numa desobediência que marca a obra. Uma das crianças à beira mar pergunta o que é o tempo, a enigmática resposta revela que o tempo é uma criança que joga dados na margem. O filme mostra um homem que não conseguiu, ao longo da vida, se fazer presente a não ser para si mesmo. No segundo fluxo, ele não vem receber os convidados que visitam a filha recém-nascida. No terceiro, é representado por um poeta estrangeiro em sua própria terra. No quarto, sua mulher reclama: “você viveu sua perto de nós, mas não conosco”; ela implora que ele fique apenas nesse dia, mesmo assim, Alexander, se retira à própria solidão. No quinto fluxo de consciência, ele mais uma vez não está presente, e se pergunta: “por que vivi minha vida inteira no exílio? Por que só me senti em casa quando pude falar minha própria língua?” Sentindo a proximidade da morte – após deixar a casa para, espontaneamente, se internar em um hospital – Alexander lamenta o tempo que não viveu, o tempo que perdeu e as atitudes não tomadas. Sua tentativa de reconciliação com suas memórias, agora, se dá por meio das palavras que ele compra, que são pontes temporais de transformação, que consolidam o filme como um poema imagético sobre o tempo (Silva; Macedo, 2023).

Holanda

“A Excêntrica Família de Antônia” (1995, dir. Marleen Gorris) traz a matriarca Antonia e sua família. Ela mantém amizade com o ateu Vinger, filósofo que, embora viva isolado e deprimido, tem a amizade de vários membros da aldeia e grande admiração pela neta de Antônia, o que não o impede de cometer suicídio enforcando-se em sua própria casa (Vianna *et al.*, 2015).

Inglaterra

O húngaro Alexander Korda detinha experiência em Hollywood e na França, criando a London Film Productions em 1932. No ano seguinte, dirigiu “Os Amores de Henrique VIII”, primeiro filme britânico de sucesso internacional. Nessa obra e em “Rembrandt”, que dirige em 1936, atua Charles Laughton nos papéis-título, ganhando o Oscar na primeira delas e influenciando uma geração de atores dos anos 1950 (Cousins, 2013, p. 157-158).

“O Homem Que Sabia Demais” (1934, Alfred Hitchcock) traz um casal comum que ouve por acaso um plano para assassinar um diplomata e cuja filha é raptada para que fique em silêncio. O filme começa nos Alpes e vai a Londres – contraste típico do diretor. O assassinato deve se passar em um concerto; a mãe da criança sequestrada solta um grito antes da nota prevista para o tiro fatal, impedindo o crime. A obra foi sucesso na Inglaterra e EUA. No ano seguinte, o diretor faz “Os 39 Degraus”, em que cada cena é uma narrativa, curta e completa. Trata de um canadense que vai à Escócia procurar os que mataram uma mulher. No final, um personagem revela o segredo da rede de espões que tem o nome-título, e ao fazê-lo é baleado (Cousins, 2013, p. 156-157). O autor aponta que Hitchcock é o mais famoso diretor do mundo.

“As Chaves do Reino” (1944, dir. John M. Stahl) é baseado no livro de igual nome de A. J. Cronin, na qual se trata de como um sacerdote já ancião será afastado de seu pequeno cargo, em função de seu caráter, e de seus conflitos com os paroquianos. No entanto, o bispo que havia decidido isso, vê o diário do protagonista e seus quarenta anos passados em uma dura missão na China. Dessa forma, em flashback, a obra revela a vida de sacrifícios do que iria perder o cargo. Na manhã seguinte à leitura, o jovem bispo mudou de ideia, passando a admirar o velho sacerdote e seus anos de pobreza, tolerância e de fidelidade (Prats, 2005, p. 272-273).

“Neste Mundo e no Outro” (1946, direção e roteiro de Michael Powell e Emeric Pressburger) traz a Peter, vivido por David Niven, piloto na II Guerra, cujo avião é atingido. Ao relatar tudo pelo rádio à enfermeira, ambos se apaixonam. Pula do avião sem paraquedas e não morre por falha do agente celestial por ele responsável. Dado que a culpa do “erro” não é dele, há uma apelação ao tribunal superior. A terra é mostrada em cores belíssimas, enquanto o céu vem preto e branco. Diálogos divertidos enriquecem a obra (Machado, 2019, p. 303).

“O Terceiro Homem” (1949, Carol Reed) mostra um escritor que vai a Viena ocupada pelos Aliados à busca de um amigo, de quem não tem notícias há tempos. Ao chegar, a primeira notícia é que o que busca está desaparecido. Porém, ao pesquisar mais, a polícia afirma que o amigo havia feito negócios no mercado negro com remédios adulterados. Ao encontrar o amigo, o protagonista se enfrenta com o drama de consciência de encobrir a quem buscara ou de entregá-lo às autoridades. A obra mostra que não se deve pactuar entre a dúvida e a verdade. Tudo isso é realçado pelo uso do preto e branco na obra (Prats, 2005, p. 385-386).

“A queda do Império Romano” (1964, produção EUA-Inglaterra, dir. Anthony Mann, Oscar Trilha Sonora) traz uma batalha entre germanos e romanos, na qual os primeiros são acudados em seu templo, com imensas estátuas esculpidas na rocha que servem de local para culto. Timonides, o conselheiro do imperador, é capturado pelos germanos derrotados. Cristão convertido, tenta persuadir os líderes germanos a se integrar ao Império Romano. Eles concordam, desde que Timonides aceite o desafio da dor de ter as mãos queimadas sem gritar, provando que seu deus é superior a Odin. O conselheiro vence o desafio, e o líder germânico destrói a estátua de Odin. Os protagonistas são os romanos e suas intrigas, sendo os germanos coadjuvantes da queda do Império Romano. Os germanos não são vistos como heróis, mas como selvagens, primitivos e misteriosos que desafiaram os latinos – que, devido a problemas internos, entraram em colapso. O colapso romano é atrelado ao avanço da supremacia cristã, impondo-se na mescla entre as sociedades romanas e germânicas (Langer, 2015).

“Laranja Mecânica” (1971, dir. Stanley Kubrick, Inglaterra/EUA) emprega imagens fortes ligadas à delinquência juvenil em uma Inglaterra futurista. Um líder de gangue juvenil, após se intoxicar com drogas vive uma noite violenta, espancando várias pessoas incluindo um idoso sem-teto; termina preso e, dois anos após, quando é liberado, reencontra o idoso que fora anteriormente agredido, que o ataca ajudado por amigos (Vianna *et al.*, 2015).

“Pink Floyd: The Wall” (1982, Alan Parker) mostra Pink, uma estrela de rock bem-sucedida que está enfrentando uma dolorosa separação com sua esposa enquanto está em turnê. Ele começa a rever sua vida e perceber todas as pessoas que, de alguma maneira, o fizeram sofrer: a ausência do pai que morreu na Segunda Guerra, a mãe superprotetora, um professor opressor, a mulher tóxica e fãs estúpidas. Todos o isolam do mundo. Em um delírio com drogas e remédios, Pink se vê como um ditador que comanda uma legião de fãs obedientes. No clímax, o muro cai como metáfora do músico

confrontando seus medos. Mas, lentamente, novos problemas surgem, o que sugere a ideia cíclica dos percalços na vida do protagonista. O filme teve um custo de US\$ 12 milhões e bilheteria de US\$ 22 milhões. Um cenário distópico se desenvolve na mente do protagonista. Há cenas perturbadoras, que beiram o surreal; o desconforto é proposto para dar sentido à perturbação mental do protagonista. Assim, o filme é rico, permitindo diversas leituras pelo espectador (Silva, 2020).

“Um Homem de Sorte” (1983, Bill Forsyth) traz uma empresa de petróleo que quer terras em um povoado escocês à beira-mar para fazer uma refinaria. À busca do lucro, todos concordam, exceto um senhor que é dono de uma praia, e sente que não precisa de mais nada. O dono da empresa decide fazer a refinaria em outro lugar, em função de sua paixão pelas estrelas, ao dar-se conta de que aquele povoado é um lugar privilegiado para observações astronômicas. O produtor David Puttnam possui em sua trajetória obras como: *Carruagens de Fogo*, *Os Gritos do Silêncio* e *A Missão*. Ao longo do filme se mostra o apego à terra e como a paisagem molda as relações sociais (Prats, 2005, p. 410-411).

“1984” (1984, roteiro e direção de Michael Radford) segue a obra de igual título de Orwell, pela qual um funcionário se apaixona e tenta enfrentar a repressão do sistema que vê e ouve tudo. O elenco traz a última atuação de Richard Burton, ótima direção de arte e fotografia em tons escuros, adequados ao autoritarismo que se descreve (Machado, 2019, p. 281).

“Os Gritos do Silêncio” (1984, Roland Joffé) foi indicada a sete Oscars e obteve três, dentre eles o de Ator Coadjuvante. Narra a história de Sydney Schanberg, jornalista do *New York Times*, sobre a recuperação de um colega cambodjano. Sydney esteve no Camboja em 1975 para cobrir o conflito e fez amizade com seu intérprete Dith Pran. Quando a capital foi tomada pelo novo regime, os jornalistas foram presos e Pran intercedeu por sua liberação, com sucesso, mas ele mesmo foi preso durante anos, até fugir e atravessar o país rumo a fronteira. A obra traz o drama do povo desse país ante o autoritarismo absoluto e a luta solidária entre o jornalista e seu colega. A obra trata da defesa da liberdade e da amizade, com a vantagem de tratar da realidade (Prats, 2005, p. 212-213).

“A Missão” (1986, Roland Joffé) mostra Espanha e Portugal disputando a América para tirar o melhor proveito possível. Há uma missão entre o Brasil e o Paraguai que faz os nativos terem uma vida pacífica em explorações agrárias chamadas reduções. Ali está um comerciante de escravos arrependido, porque matara o irmão e que pede ao

líder, o Padre Gabriel, para fazer parte dos jesuítas. Mas os portugueses querem por liquidar com tudo, obrigando a Igreja a ceder as terras. Uma encarniçada luta liderada pelo converso tenta evitar que os nativos sejam escravizados (Prats, 2005, p. 294-295). Foi indicado a sete Oscars, ganhando o de Fotografia.

“O Inglês que Subiu a Colina e Desceu a Montanha” (1995, Christopher Monger) mostra dois militares retirados que chegam no início do século XX a um pequeno povoado inglês. São cartógrafos e viajam porque o Governo pediu um novo mapa. Os habitantes são orgulhosos dos arredores, em especial de uma montanha. Ao fazer a medição, o povo é informado que não se pode considerá-la montanha, mas de uma simples colina. Todos buscam corrigir esse terrível erro da natureza, agregando uns metros para que supere os mil metros e assim poder ser chamada de montanha. Enfim, a união faz a força (Prats, 2005, p. 248-249).

“Meu Nome é Joe” (1999, Ken Loach) é um filme forte que traz os temas do alcoolismo e do desemprego, ao apresentar uma história de amor e de solidariedade. Para evitar ser vítima, o protagonista desempregado treina um time de futebol, utilizando a camisa da Seleção Brasileira (Brandão, 2004, p. 97-99).

“Em Minha Terra” (2004, John Boorman) trata do *apartheid*, que vigorou por 36 anos na África do Sul, até 1994, quando Nelson Mandela se elegeu presidente e instalou a Comissão da Verdade e Reconciliação, pela qual as vítimas da perseguição racial acusariam seus carrascos, que seriam julgados e anistiados se estivessem arrependidos. A obra mostra essa história narrada por um jornalista americano vivido por Samuel L Jackson que vai ao país cobrir os eventos, e lá conhece uma poeta vivida por Juliette Binoche que sente vergonha da herança cruel dos brancos. O filme foi baseado no livro de Antjie Krog (Machado, 2019, p. 141).

“O Lavador de Almas” (2005, Adrian Shergold) se inspira na vida de Albert Pierrepoint que, por mais de vinte anos trabalhou de carrasco, tal como fora o pai, superando-o em número de execuções e nos métodos que criou. Versando sobre o último enforcador, a obra é rica em documentos (Machado, 2019, p. 246).

“Notas Sobre um Escândalo” (2006, Richard Eyre) traz duas atrizes em grande atuação: Cate Blanchett e Judi Dench. São professoras, sendo que uma delas tem uma vida diferente ao conhecer a outra, que personifica o que sempre sonhou. Mas, o envolvimento desta última com um aluno faz com a que sonhadora fique furiosa (Machado, 2019, p. 308).

“O Discurso do Rei” (2010, Tom Hooper) traz o ator Colin Firth gaguejando como atributo que cria a transformação do personagem, o que o ancora na história. A gagueira é um transtorno de fala normalmente associado à falta de assertividade e fraqueza – pois não é controlada pelo indivíduo. Isso leva o ouvinte a desconfiar, o que é grave ao se tratar da fala oficial de um rei (Opolski, 2021, p. 145).

“A Invenção de Hugo Cabret” (2011, Martin Scorsese) traz um clima de fantasia; concorreu a onze Oscars, dos quais ganhou cinco. O filme se passa em 1931, no qual Hugo é um garoto que vive em uma estação de trem com o tio – de quem aprende a manter em funcionamento os relógios da estação. Vive várias aventuras com Isabelle, como roubar peças em uma loja de brinquedos e consertar um robô. Destacam-se: a fotografia, a direção de arte e de som. O dono da loja de brinquedos é Georges Méliès, precursor do cinema, que faz um flashback, mostrando sua relação com esse mundo, presente em toda a trama, junto com os trens (Maynard, 2012).

“Mais Vivos do que Nunca” (2012, Tim Whitby) retrata a realidade. O Dr. Ludwig Guttman é um médico alemão de origem judaica, que, na Segunda Guerra foge da Alemanha à Inglaterra. Trabalha em um hospital de feridos atingidos na medula; tenta uma nova estratégia: criar esperança mediante o esporte. Procura melhorar as condições em que vivem. Motiva as enfermeiras e consegue pessoal que o entende. Segue tratamentos não usuais, movendo as vítimas a aceitarem o esforço exigido. Seu segredo é motivar: ao dar metas, faz com que sigam suas indicações. Ao final, vislumbramos a origem dos Jogos Paralímpicos (Martins, 2022).

“Uma Vida Comum” (2013, Uberto Pasolini) mostra John May, funcionário público que recebe a notícia de que perderá o emprego após vinte anos. Sua função era a de preparar o enterro de quem morria abandonado. John segue hábitos rigorosamente previstos, não gosta de surpresas. Propõe cuidar do último defunto que estava ainda aos seus cuidados. O chefe autoriza, embora não entenda a razão. Mas, para John as pessoas interessam, ele chega a contatar a família do falecido – o que obriga a quebrar regras e a correr riscos, permitindo que ele se inspire para novas inspirações à sua própria vida, fugindo da rotina (Martins, 2022).

“Philomena” (2013, Stephen Frears) traz a personagem título que engravida sendo que seus pais a mandam a um convento e encaminham o filho para adoção. Cinquenta anos depois revela sua história a um jornalista, que inicia a busca pelo filho. A obra traz bom humor, dando espaço aos artistas brilharem e fugindo do melodrama (Machado, 2019, p. 331).

“Eu, Daniel Blake” (2016, Ken Loach) trata de um homem que precisa de um período de afastamento devido à saúde. Quando vem a necessidade da renovação desse afastamento, porém, a burocracia mostra sua face. Os processos digitalizados reduzem as pessoas a números, criando inúmeras injustiças. Os diálogos com os funcionários para tentar resolver os problemas se fazem incompreensíveis e alguns dirigentes se mostram mesquinhos. Todavia, a criação de laços de confiança entre as pessoas ajuda a enfrentar o ritmo cotidiano. Apesar de as injustiças serem óbvias, poucos estão dispostos a colaborar em uma solução; assim, é preciso ir além das boas intenções para que as coisas aconteçam (Martins, 2022).

“A Hora Mais Negra” (2017, Joe Wright) apresenta os primeiros dias de Winston Churchill como primeiro-ministro da Grã-Bretanha, escolhido pelo parlamento em 10/05/1940, já em plena Segunda Guerra Mundial. Ao longo de cinco dias ouve inúmeras pessoas, das mais humildes ao rei, a fim de decidir se deixa a Europa entregue a Hitler ou se entra no conflito. Após esse período, no parlamento, faz um discurso dizendo que a Grã-Bretanha não se renderá e que combaterá o nazismo com todas as suas forças (Martins, 2022).

“Brexit: Uma Guerra Descortês” (2019, Toby Haynes) trata da campanha pelo Brexit, entre 2015/2016. O foco está em Dominic Cummings, principal estrategista que leva a população a votar pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia. O filme aponta como se faz uma mensagem que se torna palavras-chave. Também o uso de *big data* é utilizado – segmentando o público, encaminhando anúncios personalizados a cada grupo. Outro fator vital para o sucesso foi representado pelas relações humanas, desde a seleção dos colaboradores até a rejeição de pessoas tóxicas, dado que por trás dos números há pessoas e motivações (Martins, 2022).

“O Rapaz Que Prendeu o Vento” (2019, Chiwetel Ejiofor) é inspirado na vida de William Kamkwamba, do Malawi. Ao início do século XXI as plantações são destruídas por duas catástrofes: há fortes inundações seguidas por uma seca. O povo passa fome. O governo quer vencer as eleições e investe na campanha eleitoral, sem se preocupar com o problema. Os pais deste jovem haviam dado uma boa educação; William era aplicado, ainda que incompreendido algumas vezes – como ocorre ao sugerir um moinho de vento para gerar eletricidade. O resultado supera as expectativas (Martins, 2022).

“Guerra sob a Terra” (2021, dir. J. P. Watts) enfoca uma realidade da Primeira Guerra Mundial: o uso de mineiros civis ingleses em linhas de defesa intransponíveis durante anos. Em 1917, a guerra está em um impasse e um dos líderes recorre a peritos

em túneis, mineiros profissionais. Apesar da hesitação inicial de um chefe inglês, a motivação dos convocados é máxima, e mostram sua valia, vencendo os obstáculos. No dia da batalha, seu esforço leva à vitória; sem que ninguém os veja, travam nos túneis a guerra, sem fugir ou desistir (Martins, 2022).

Irlanda

“Meu Pé Esquerdo” (1989, dir. Jim Sheridan) traz uma pessoa com esclerose múltipla. É parte de uma família numerosa e a mãe o apoia para pintar com o pé esquerdo – única parte do corpo que movimenta. Desenvolve sua veia artística, ganhando realização pessoal. Mesmo com a incompreensão de seu pobre entorno social, ele não é discriminado entre os seus. O protagonista bebe muito e é teimoso – o que valoriza os esforços da mãe, que o incentivou a ser tenaz (Prats, 2005, p. 286-287). O filme ganhou o Oscar de Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator, Melhor Atriz Coadjuvante.

“Michael Collins – O Preço da Liberdade” (1996, direção e roteiro de Neil Jordan) narra a história de Collins, vivido por Liam Neeson. É o fundador do IRA. Tudo começa em 1916, quando o exército britânico sufoca rebeldes irlandeses. Collins sobrevive e adota uma postura radical para enfrentar os ingleses. A obra segue Collins até 1922, tendo um interessante ponto de diálogo com o presente (Machado, 2019, p. 280).

Itália

A partir de 1934, uma política governamental fez do cinema italiano o mais importante da Europa. Os aparatos fascistas haviam criado a Direção Geral para a Cinematografia, que consolidara a estrutura estatal para a realização de filmes. Nasceram a distribuidora Enic, o centro de produção Cinecittà e os laboratórios de revelação do Instituto Luce. A disposição da Enic pelo monopólio de distribuição das companhias dos EUA provocou um conflito entre as instituições fascistas e Hollywood – que saiu do mercado italiano em 1939 (Pavam, 2024).

“Roma, Cidade Aberta” (1945, Roberto Rossellini) traz a resistência ao fascismo, com Manfredi, guerrilheiro comunista procurado pelos nazistas, que precisa entregar dinheiro a seus compatriotas e, que se esconde no apartamento de Francesco, noivo de Pina. Francesco quer que o padre D. Pietro faça a entrega. O filme se passa em boa parte

nesse lar, e mostra a dura vida da classe operária. O edifício de Pina é cercado pelos nazistas, que levam Francesco. Em desespero, Pina corre atrás e é metralhada. Manfredi procura sua amante, a cantora Marina, que aderiu ao nazismo por conveniência, e delata Manfredi, que é preso com D. Pietro; ambos, mesmo sob tortura, nada dizem. “Ladrões de Bicicleta” (1948, Vittorio De Sica) é a saga de Antonio Ricci, recém-contratado para colar cartazes. Precisa recuperar sua bicicleta, roubada durante o trabalho, e necessária para exercer sua atividade. Com a ajuda do filho, busca a bicicleta; o objeto se torna metáfora para a busca pela dignidade e reinserção à vida social, dilacerada pela guerra. A relação pai-filho é explorada na trama, sendo a cidade personagem. Ambas as obras são do neorrealismo italiano, no qual quanto menores os fatos, mais cotidianos, quanto mais humildes os protagonistas, quanto menos eventos, quanto mais simples o aparato de filmagem e quanto mais rápida a reprodução, o mais perto se está do “real”. Com cenas em locais devastados ou paisagens de uma urbanidade perdida, assim como a esperança e civilidade de seus habitantes, o neorrealismo se impôs como crítica social e denúncia de uma realidade que a estética tradicional fílmica não mostraria (Sanchez, 2015). O neorrealismo italiano supera o realismo romântico, muda a noção do cinema do que constitui o tempo e a natureza da ação dramática e influi no cinema da Índia e da América Latina (Cousins, 2013, p. 188).

“Os Eternos Desconhecidos” (1958, Mario Monicelli) é a estreia do movimento comédia italiana, que chega a 1977. Sobre um golpe fracassado a uma joalheria, encenou a primeira morte na comédia italiana. Dado o sucesso do filme, a morte passa a ser habitual na comédia. “A grande guerra” (1959, Mario Monicelli) é uma comédia sobre a Primeira Guerra Mundial. Os protagonistas Vittorio Gassman e Alberto Sordi já haviam atuado em comédias. Entre 1959 e 1960, esse foi o filme italiano mais visto em seu país depois de “A doce vida” (1960, Fellini). “A marcha sobre Roma” (1962, Dino Risi) é um manual sobre o fascismo, ideologia da mentira e da ilusão. Trata da arregimentação de militantes de 1919 até a marcha de apoio ao nacional-socialismo em 1922; não investiga as causas do fascismo, mas a forma da formação e cooptação dos milicianos de direita. A obra reconstitui as badernas de rua de militantes que, armados de revólveres e bastões, se julgam protagonistas da história, contra os democratas. Um personagem diz amar o fascismo, sendo interrompido por outro, que diz: “Porque no fascismo até mesmo um tolo pode se sentir poderoso” (Pavam, 2024).

Fellini se inspirou em sua experiência no circo. Em “Noites de Cabíria” (1957) a protagonista que vive o título é Giulietta Masina, que se tornou esposa do diretor; vive

uma prostituta. A primeira parte do filme a mostra em animadas interações com suas colegas. Na segunda parte, Masina vai a uma igreja, sendo cercada por pessoas gritando e subindo degraus de joelhos; há uma decepção, pois pede uma graça e nada obtém. Vai a um teatro barato, onde um mágico a hipnotiza; ela imagina ter 18 anos novamente e apaixonada. Ele a pede em casamento, a leva ao alto de um rochedo, apanha o dinheiro dela e foge (Cousins, 2013, p. 248-250).

“Umberto D” (1952, dir. Vittorio de Sica) traz a Itália dos anos 1950, quando os idosos sofriam com as miseráveis pensões dadas pelo governo, levando ao quase suicídio de Umberto, servidor público aposentado, despejado por não conseguir pagar aluguel. O suicídio é evitado graças a Umberto ter encontrado cãozinho que passa a lhe fazer companhia (Vianna *et al.*, 2015).

O principal diretor do ciclo de *spaghetti westerns* foi Sergio Leone, que ingressou com “Por um Punhado de Dólares” (1964), com grande repercussão na Itália, por reviver o gênero, que, à época, escasseava nos EUA. Suas obras apresentam técnicas adotadas por outros diretores: a) *close-ups* extremos; b) *flashbacks*; e c) a aparência suja do ambiente. Leone criou um herói, amoral, violento e egoísta, que busca tirar proveito pessoal; se preciso, com violência, chegando a atirar em pessoas desarmadas ou às escondidas. Esse herói parece ter tido influência da tradição literária picaresca da Itália. Na obra de Leone, o herói trata da corrupção social generalizada fugindo do convívio social, sem amargura; opta por uma vida errante, cínica e individualista, atrás de bens materiais, pois se a sociedade tem valores morais abaixo dos seus, ele a larga. O diretor norte-americano Sam Peckinpah, mais importante no gênero nos anos 1970, disse que nada teria sido sem Leone e Stanley Kubrick disse que fez “Laranja Mecânica” sob sua influência (Carreiro, 2012; Cousins, 2013, p. 286-288).

“Investigação sobre um cidadão acima de qualquer suspeita” (1970, Elio Petri) gira em torno a um inspetor de polícia. A Itália está em crise e ele deve reprimir os manifestantes, dentre os quais está Augusta, vivida pela brasileira Florinda Bolkan, amante do inspetor. A fraqueza social confia na polícia corrupta, que visa em especial a autoproteção. A obra ganhou o Grande Prêmio do Júri de Cannes e o Oscar de filme estrangeiro (Machado, 2019, p. 222).

“C'eravamo tanto amati” (1974, dir. Ettore Scola) mescla romance e crítica política, com uma leveza de personagens cheios de conflitos, contradições psicológicas e sociais, que, no decorrer do filme, causam identificação com a simplicidade dos eventos, onde as personagens são envolvidas e levadas por suas vidas (Garboggini, 2006). A obra

traz quase todos os afetos possíveis: esperança, alegria, amor, amizade, tristeza, desilusão. Com leveza e humor, o filme trata de questões profundas com posicionamento ético e político. Depois de lutarem unidos em nome de um ideal em comum, criando laços de quem enfrentou a morte juntos, três amigos se separam no final da guerra com a sensação de vitória e de um futuro de esperança. Surgem encontros, desencontros, e mudanças. Gianni torna-se um advogado ambicioso; sacrifica seus ideais, amizades e um amor pelo luxo. Nicola é intelectual, coloca seus ideais acima de tudo e vive atormentado em busca de reconhecimento. Antonio, um enfermeiro sonhador, permaneceu leal aos ideais da juventude, colhendo derrotas cotidianas sem perder a ternura e o bom humor. Em comum entre os três, o amor pela mesma mulher, Luciana. Ao longo do filme há esperança: os personagens acreditam num futuro melhor e se sentem responsáveis por isso, mesmo com as dores da guerra, do pós-guerra, das decepções na política e no amor (Saceanu, 2018).

“Feios, sujos e malvados” (1976, dir. Ettore Scola) retrata as violências física, social e financeira ao idoso. Em Roma, Itália, Giacinto (Nino Manfredi) vive em um barraco com a esposa, dez filhos e outros parentes. Devido ao pouco espaço, dormem quase que ao lado do outro. Giacinto esconde seu dinheiro por temer ser roubado pelos familiares, o que os irrita levando-os a planejar seu assassinato (Vianna *et al.*, 2015).

“Pai Patrão” (1977, direção e roteiro adaptado dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani) conquistou a Palma de Ouro de Cannes, além de outros importantes prêmios. A trama se desenrola no interior da Itália, em uma região atrasada que mantém tradições feudais. O protagonista sonha em se libertar do rigoroso pai e se alista no exército, descobrindo que a situação mudou pouco. Enfim, vem a descoberta final de que há uma só forma de se libertar totalmente. O filme detém poesia e beleza (Machado, 2019, p. 320).

“Parenti Serpenti” (1992, Mario Monicelli) é uma comédia familiar com um desfecho inesperado e constrangedor de humor duvidoso, para superar os desagradáveis problemas de convivência com pessoas idosas, expondo uma face incômoda das relações familiares. Dessa forma, se retrata a violência física no lar. Uma família italiana se reúne na casa dos pais idosos para a ceia de Natal. Os filhos, por não quererem que os pais passem a morar com eles, dão-lhes de presente um aquecedor com defeito, para que exploda e os mate, o que ocorre no Réveillon (Garboggini, 2006; Vianna *et al.*, 2015).

“O Carteiro e o Poeta” (1994, Michael Radford) traz o encontro do carteiro Mário com o poeta Pablo Neruda, em uma ilha italiana, que vive da pesca. Mário não gosta de barcos e tem um emprego temporário como carteiro, de um único endereço, o de Pablo

Neruda, poeta chileno que chega à ilha em 1953, exilado por ser comunista. Mário, ingênuo, mas dotado de sensibilidade, encanta-se com o poeta, a ponto de querer ser poeta também. Esse contato desperta nele um conhecimento sobre si e seus sentimentos, abrindo seus olhos para ver o mundo limitado em que vive e que, agora, pode entender melhor. Mário apaixona-se por Beatrice e é ajudado por Neruda na sua conquista, por metáforas construídas de Mário e poesias escritas de Neruda. Neruda retorna ao Chile, esquecendo-se do carteiro, e este, movido pela dor do abandono, escreve uma poesia sobre a ilha e sobre Neruda. Mário envolve-se com o comunismo, também por influência de Neruda, sendo morto por policiais em um protesto. Mário tem um filho com Beatrice, Pablito. Ao final do filme, Neruda volta à Itália e conhece o filho de Mário, sabendo que o carteiro está morto (Scorsolini-Comin; Santos, 2007).

“A Vida é Bela” (1997, Roberto Benigni) trata de Guido, que se apaixona por uma professora e faz o impossível para conquistá-la. Seu bom humor o faz bem-sucedido, apesar da oposição da sogra. Após alguns anos, o casal tem um filho, com o que o Guido chega à família dos sonhos e a dirigir uma livraria. Os nazistas mandam a família, judia, a um campo de concentração. Nesse ambiente, cria um jogo para evitar ao filho o trauma da guerra, e mostra que tudo se trata de uma gincana. O filme é otimista, cheio de príncipes e de monstros, além de ser uma das mais incríveis denúncias ao racismo e uma enorme crítica social (Prats, 2005, p. 428-429). Vinte anos após o fim da comédia à italiana, Benigni, autor do roteiro, com Vincenzo Cerami, em torno à vida em um campo de concentração, mesclou bom humor e tragédia (PAVAM, 2024). O filme conquistou sete Oscars, como o de Filme Estrangeiro, Direção e Roteiro Original.

“A Gaivota e o Gato” (1998, Enzo d’Alò) é um longa de animação que traz a gaivota Kenga, envenenada por uma mancha de petróleo. Antes de morrer confia seu ovo ao gato Zorbas, que promete cuidar do recém-nascido e ensiná-lo a voar. Gabi, o filhote órfão, é adotado pelo grupo de gatos e precisa saber que não é um felino, antes de aprender a voar. Enquanto isso, junto aos gatos, combate a chegada de um grande rato que quer tomar o poder da cidade. A honra em relação ao compromisso assumido, o despertar da consciência ambiental e a solidariedade permeiam a obra (Prats, 2005, p. 230-231).

“A Máfia só mata no verão” (2013, Pierfrancesco Diliberto) é uma comédia, na qual o diretor também foi roteirista e ator no papel de Arturo Giammaresi. A obra cobre vinte anos, centrada em Arturo desde criança e do seu amor por Flora, mostrando como Palermo foi mudada pelos juízes Falcone e Borsellino, que prenderam 300 criminosos. O

se tornou seriado com 24 episódios centrado no pequeno Artur e narrado pelo diretor (Machado, 2019, p. 261).

“Os Nossos Filhos” (2018, Andrea Porporati) é uma história real de um casal com dois filhos que toma conta de mais três rapazes depois de o pai destes ter assassinado a mãe. A obra ilustra as múltiplas alterações nas relações entre os filhos e entre marido e mulher. A situação profissional do marido sofre uma piora considerável, mas a mulher consegue um emprego; todos se adaptam. O diálogo termina por ser importante; até as soluções que se mostram longe do ideal possuem algum valor (Martins, 2022).

“Sempre Perto de Ti” (2020, Uberto Pasolini) é baseado na realidade. Um homem de 35 anos tem um filho de três anos abandonado pela mãe; ele se esforça por ser um bom pai. Procura conhecer o menino para lidar com ele. Possui um emprego precário de limpador de janelas, e apesar de competente, nem sempre possui clientes. Descobre um câncer terminal, e busca autoridades para acolher seu filho. Surge uma corrida que mostra o pior e o melhor da natureza humana. Ao final, o jovem pai escolhe quem sabe descer ao nível do garoto e se interessar por ele ao invés de apenas ir à busca de preencher um vazio pessoal (Martins, 2022).

Polônia

A escola de cinema de Lodz superou muitas instituições ocidentais, com quatro diretores importantes: Andrzej Wajda, Roman Polanski, Jerzy Skolimowski e Krzysztof Zanussi. O primeiro deles foi o mais importante do Leste Europeu dos anos 1950. O primeiro deles é o mais destacado, tendo três obras sobre o país durante a Segunda Guerra: “Geração” (1954) é sobre a luta clandestina, falando do idealismo em queda dos antinazistas poloneses; “Canal” (1957) trata da resistência polonesa em 1944; e o melhor é “Cinzas e Diamantes” (1958), que se inicia com o primeiro dia de paz após o conflito. Foi original em ocultar das autoridades o sentido de seus filmes, oculto em símbolos. Polanski fez “A Dança dos Vampiros” (1967), ambientado em um castelo e viveu o papel principal, contracenando com Sharon Tate, com quem se casou; no ano seguinte fez “O Bebê de Rosemary”; tal era seu conhecimento de fotografia que até mesmo técnicos famosos de Hollywood aprenderam com ele (Cousins, 2013, p. 242-243; 302).

Portugal

Em 2001 se produziram 17 longas-metragens no país – com oito produtores ativos. Em 2010 foram feitas, com recurso a apoios do ICA – Instituto do Cinema e do Audiovisual – 66 obras cinematográficas nacionais, das quais 33 longas-metragens (22 de ficção e 11 documentários) e 33 curtas-metragens (18 de ficção, 4 documentários e 11 obras de animação). Para certos filmes as receitas obtidas no país são substanciais, como “O lugar do Morto” (1984, António-Pedro Vasconcelos), que obteve 264 553 mil espectadores (Avelar, 2013).

Com 104 anos de idade, dos quais 78 de cinema, Manoel de Oliveira tem 26 filmes de curta e média-metragem e 31 de longa-metragem, produzidos em Portugal, França, Itália, Suíça e Brasil. Uma das características da sua obra é usar textos literários como fonte de seus filmes. “Meu Caso”, de 1986, foi inspirado no drama homônimo de José Régio. A peça, de 1950, trata da incomunicabilidade; as personagens são: a Atriz, o Autor e o Espectador. Um Desconhecido, burlando o porteiro, invade o palco antes do início de uma comédia, para contar ao público o seu caso – dizendo ser único: diz ter sido escolhido pelos deuses para comunicar uma mensagem divina. Mas, não consegue passar sua mensagem; é interrompido pelo Empregado, um pai de família que tem uma mulher paralítica e três filhos para sustentar; pela Atriz que quer desempenhar bem o primeiro papel importante que já recebeu. O Autor bajulara muitas pessoas para sua peça ser encenada. Por fim, um Espectador se irrita ao ver tudo isso no teatro. Oliveira reproduz com fidelidade a peça, na primeira parte do filme. Na segunda parte do filme, se reproduz a peça, em preto e branco ao som do monólogo “Fiasco II” de Samuel Beckett, do livro “Para acabar de novo e outros fiascos”. As cenas são mudas, exceto pela voz de Henri Serre declamando o Fiasco II. Na terceira parte, a fala é descompassada com a imagem, dando ao espectador a impressão de uma Babel. Em uma tela ao fundo, são projetados vídeos de guerras e destruição. A quarta parte do filme reproduz o Livro de Jó, que recebeu diversos males, suportados sem perder sua fé em Deus. Essa história vem como um desfecho do tema principal, sobre duas questões: por que os inocentes passam por tantos sofrimentos? Por que Deus permite que haja tanto mal no mundo? A figura de Jó parece representar a solidão do ser humano, resultado da incomunicabilidade. Oliveira encerra seu filme após recuperação de Jó, quando se carrega uma réplica da Mona Lisa, para mostrar que a arte enquanto, é um caminho ao fim da incomunicabilidade (Copertino, 2014).

“Passamos por Cá” (2019, Ken Loach) apresenta um casal com dois filhos que passa por uma crise financeira; a mulher é cuidadora de pessoas necessitadas e o marido está desempregado, terminando por aceitar ser motorista em uma firma de entregas rápidas. Mas as condições oferecidas são muito duras, chegando a quatorze horas diárias de trabalho durante seis dias semanais. Ademais, precisa de um carro, sendo preciso vender o da esposa, que começa a ir de ônibus ao trabalho. o filme mostra o ritmo de trabalho do casal e o impacto nos filhos – mostrando o impacto que estes sentem pela ausência dos pais. Os dois filhos mostram sinais de que as coisas não estão indo bem, mas não é fácil apresentar soluções, havendo algumas iniciativas no sentido de se buscar maior proximidade familiar (Martins, 2022).

Considerações Finais

A contribuição europeia é notável ao desenvolvimento do cinema, podendo ser afirmado que existe enorme desconhecimento sobre o assunto. Karl Freund foi um diretor de fotografia que influenciou no cinema, começando na Europa e migrando aos EUA. Em relação a filmes de destaque, citar *Metrópolis*, que influenciou até em obras recentes e importantes de Hollywood, como “*Star Wars*” e “*Blade Runner – Caçador de Androides*”. O francês Bresson influenciou o cinema da Índia, da Polônia, além da diretora escocesa Lynne Ramsay e do norte americano Paul Schrader. O neorealismo italiano fez escola mundo afora. Sergio Leone influenciou em Sam Peckinpah, mais importante no gênero western nos anos 1970, e na obra “*Laranja Mecânica*”, de Stanley Kubrick. O britânico Charles Laughton influenciou em uma geração de atores dos anos 1950. Alfred Hitchcock é o mais famoso diretor da história do cinema, tendo começado sua carreira na Inglaterra, onde fez dois filmes, sendo influenciado pelo expressionismo alemão. Ademais, na França, “*O Artista*” (2011), conquistou nada menos que cinco Oscar. Também em 2011, a coprodução Inglaterra-EUA “*A Invenção de Hugo Cabret*” conquistou cinco Oscars.

Referências

AVELAR, R. M. M. **A Distribuição de Cinema Português no Espaço Europeu**. 2013. 257 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade na Europa) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

BAXTER, P. First sight: how love stories begin (and how some of them end) in today's French cinema. **Studies in French Cinema**, v. 14, n. 2, p. 132-155, 2014.

BRANDÃO, M. S. **Leve Seu Gerente ao Cinema**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

CARREGA, J. M. N. Aventuras em Technicolor: paraliteratura e cinema Transnacional Na Europa Mediterrânea. **Rev. Tropos**, v. 6, n. 2, p. 1-13, dez. 2017.

CARREIRO, R. O papel de Sergio Leone do perfil contemporâneo do herói em filmes de gênero. **Cultura Midiática**, Ano V, n. 8, p. 1-15, jan./jun. 2012.

CEBOLLADA, P. **Una Mirada al Cine**. Madrid: Centro Español de Estudios Cinematográficos y Audiovisuales, 1997.

COPERTINO, M. V. O Cinema em Cena: um diálogo entre linguagens na obra de Manoel de Oliveira. **Revista do SELL**, v. 4, n. 2, p. 1-8, ago. 2014.

COUSINS, M. **História do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GARBOGGINI, J. A. B. Traços Neo-Realistas da Comédia Cinematográfica Italiana. *In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O HISTORIADOR E SEU TEMPO, XVIII., Anais[...]*, Assis, 2006.

LANGER, J. Fé, exotismo e macabro: algumas considerações sobre a religião nórdica antiga no cinema. **Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 155-180, jul./dez. 2015.

MACHADO, M. **Cinemarden vai aos tribunais**. Brasília, DF: Caputo Bastos & Fruet, 2019.

MARTINS, P. M. **O Cinema Inspira a Vida – Crônicas Sobre 101 Filmes**. Alcochete: Smartbook, 2022.

MAYNARD, A. S. C. Recuperando a Magia do Cinema. **Cadernos do Tempo Presente**. Ed. n. 07, abr. 2012.

MINADEO, R. Panorama do Cinema Francês. **Revista Livre de Cinema**, v. 11, n. 2, p. 77-97, abr./jun. 2024.

OPOLSKI, D. **Edição de Diálogos no Cinema**. Curitiba: Editora UFPR, 2021.

PAVAM, R. B. E o cinema italiano riu do fascismo. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 93-114, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1982-6672.2024v17i49p93-114>. Acesso em: 2 fev. 2025

PRATS, L. **Cine Para Educar**. Barcelona: Belacva de Ediciones y Publicaciones S. L., 2005.

SACEANU, P. A esperança e o tempo de espera, ontem e hoje. **Psicanálise e Cinema, Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio De Janeiro**, v. 6, n. 6, p. 17- 23, 2018.

SANCHEZ, R. L. O. A cenografia e o espaço-tempo no neorealismo como indicador da sociedade italiana no pós-guerra – uma breve análise a partir de Roma, Cidade Aberta e Ladrões de Bicicleta. **Rev. Eletronica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 7, n. 10, p. 228-261, jan./ago. 2015.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Poesia Mediada: dialogismo, linguagem e comunicação no filme ‘O Carteiro e o Poeta’. **REC – Revista Eletrônica de Comunicação**, Ed 4, p. 1-15, jul./dez. 2007.

SILVA, F. S. A. Pink Floyd – The Wall: uma distopia do auto isolamento no longa-metragem de 1982. **Em Tempo de Histórias**, Brasília-DF, n. 37, p. 526-547, jul./dez. 2020.

SILVA, J. L.; MACEDO, P. E. G. A eternidade e um dia: cinema e hermenêutica na formação de professores. **Peer Review**, v. 5, n. 14, 2023.

TROVATO, I. El des-concierto de la identidad. Univ. de Buenos Aires: Aesthethika - **Revista Internacional sobre Subjetividad, Política y Arte**, v. 7, n. 2, p. 41-47, abr. 2012.

VIANNA, L. G.; FERREIRA, H. H. A.; DUARTE, J. A.; OLIVEIRA, B. M.; CUNHA, C. S.; AUGUSTO, N. D’A.; BEZERRA, A. J. C. A violência contra os idosos nos filmes. **Rev. Kairós Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 167-195, abr./jun. 2015.

YASOSHIMA, J. R. Gastronomia na tela: as representações da comida no cinema. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 4, n. III, p. 300-316, jul./set. 2012. UCS: Dossiê Turismo e Gastronomia

ZANONI, F. G. D. P. O Cinema e o governo dos homens: o terceiro salvador e as políticas de subjetivação postas em funcionamento na contemporaneidade. **Linguagens – Rev. de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 6, n. 2, p. 106-124, maio/ago. 2012.